



Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para o jornal Metro, edição São Paulo e edição ABC

Publicada em 27 de novembro de 2009

Jornalista: Muitos entendem que as próximas eleições terão um caráter plebiscitário comparando o governo do senhor com o de FHC. Qual a principal diferença entre os dois e qual a maior semelhança?

Presidente: Os dois modelos são radicalmente diferentes. O governo anterior achava que o Estado atrapalhava o desenvolvimento do País, e fez tudo para desmontá-lo. Para eles, o mercado era um deus. A crise financeira internacional, que nós superamos com elogios do mundo inteiro, mostrou que estávamos certos ao recuperar a capacidade do Estado ser um indutor e organizador do desenvolvimento. Mostrou também que estávamos certos quando dizíamos que a inclusão social deveria ser o motor do crescimento. Foi transferindo renda e crédito para os mais pobres e tirando mais de 20 milhões de pessoas da pobreza que fizemos girar a roda da economia, com o consumo de massas do nosso mercado interno. E foi fazendo obras por todo o País, com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que movimentamos a indústria da construção civil, que sustentou o nível de emprego nos momentos mais difíceis da crise. Na Educação, nós estamos construindo 14 novas universidades, 104 extensões universitárias, criamos o Prouni, que concede bolsas a 540 mil jovens carentes para cursarem faculdades particulares e, enquanto em mais de 90 anos foram construídas 140 escolas técnicas no Brasil, só em nosso governo, estamos construindo mais 214. Em relação aos agricultores familiares, aumentamos em 531% o volume de financiamentos



desde 2003. Hoje, a agricultura familiar emprega 75% da mão-de-obra do campo e contribui com 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros. Além do mais, diante das crises, o governo anterior cortava gastos e investimentos, aumentava os impostos e os juros, o que derrubava o PIB e o número de empregos. Se tivéssemos mantido essa política, o Brasil teria quebrado, mas nós fizemos exatamente o contrário: expandimos os investimentos públicos e reduzimos os juros e os impostos de vários setores. Ter visão oposta à do governo anterior valeu a pena: a pior crise mundial dos últimos 80 anos demorou a chegar ao Brasil e nem chegou a esquentar o lugar. Prova disso, é que, enquanto outros países ainda ostentam índices de desemprego elevados e crescentes, nós já criamos este ano, até outubro, 1.163.000 novos empregos com carteira assinada.

Jornalista: Muitas obras do PAC ainda tardam a sair do papel . Por que não se pode fazer mais no setor de infraestrutura básica do País?

Presidente: A idéia de que muitas obras custam a sair do papel não corresponde à realidade. Nós temos percorrido o país constantemente inaugurando obras até nos rincões mais distantes. Nenhum governo investiu mais em infraestrutura (logística, energética e social e urbana) do que nós estamos investindo. Na resposta à primeira pergunta, forneci uma pequena mostra do que estamos fazendo. As obras estão espalhadas por todo o país e em vários estágios: na fase dos projetos, em licitação, na fase de contratação, com obras em execução e concluídas. Sem contar as obras de habitação e saneamento, nada menos que 2.392 ações do PAC estão sob monitoramento. Destas, 39% já estão concluídas, 52% apresentam ritmo adequado de execução, 7% merecem atenção e apenas 2% preocupam. Entre as obras em execução, destaco as usinas de Jirau e Santo Antônio, que formam o Complexo do Rio Madeira. Trata-se da maior obra de engenharia dos últimos



22 anos no Brasil e será uma das quatro maiores usinas do mundo, com capacidade instalada correspondente à metade de Itaipu. Entre as obras concluídas, estão 4.487 km de rodovias, 5 aeroportos, 3 portos e 3 terminais hidroviários, usinas com capacidade instalada de 4.474 MW, 76 usinas de combustíveis renováveis, 2.095 km de gasodutos e a primeira etapa do programa Luz para Todos, que está beneficiando 10,7 milhões de pessoas. A maioria das obras do PAC ficará pronta até o final do nosso mandato. E nós já tomamos a decisão de não parar por aqui. Vamos deixar muitos projetos engatilhados para que o próximo governo possa iniciar as obras já no seu primeiro ano. Se outros tivessem feito isto antes de nós, hoje o país estaria num estágio muito mais avançado do que está.

Jornalista: Em diferentes momentos o senhor se manifestou insatisfeito com a morosidade de decisões na esfera ambiental. Qual é a sua proposta de política para a preservação ambiental e manutenção do desenvolvimento econômico?

Presidente: Nós acreditamos ser perfeitamente possível a integração entre as visões desenvolvimentista e ambientalista. Isso significa que, em nosso governo, não existem conflitos entre a realização das obras necessárias ao País e a preservação do ambiente que não possam ser solucionados. Eu já disse ao ministro Carlos Minc e ao presidente do Ibama que não quero que ocorra destruição ambiental ou injustiça com as populações afetadas pelas obras, mas também não quero que haja morosidade. O Ministério do Meio Ambiente vem, inclusive, conseguindo agilizar o licenciamento ambiental, apesar de ter que dar conta de examinar um grande número de projetos, o que não ocorria anteriormente. Para se ter uma idéia, em 2001, foram concedidas 148 licenças e em 2008, nada menos que 489. Entre as principais obras licenciadas pelo Ibama, posso citar a Usina Angra III, as ferrovias Transnordestina e Norte-Sul e as hidrelétricas do Rio Madeira (Santo Antônio e



Jirau, em Rondônia), de Estreito, no Maranhão, e de Simplício, entre Minas Gerais e Goiás. É preciso aperfeiçoar os mecanismos de análise, o que vai ocorrer à medida que os técnicos se acostumem a analisar uma quantidade muito maior de projetos e os empreendedores melhorem a qualidade dos que apresentam. Como prova de que os licenciamentos não se chocam com a defesa do meio ambiente, basta observar que de agosto de 2008 a julho de 2009 foram desmatados 7 mil km² de floresta amazônica, o que representou 45% menos do que no período anterior. Foi a menor taxa de desmatamento desde 1988, quando o INPE começou a fazer o levantamento. A queda foi vertiginosa e deve aumentar daqui para a frente.

Jornalista: O Sr. acredita que o futuro da economia brasileira a partir de 2011 depende diretamente do resultado das eleições de 2010?

Presidente: O futuro da economia depende no fundamental do povo, dos trabalhadores, dos empresários, em suma, da capacidade de trabalho da sociedade brasileira, que vem demonstrando seguidamente que está madura e sabe fazer as escolhas acertadas. Foi isso que nós vimos na crise. É claro que vamos defender na campanha a manutenção e o aprofundamento do atual rumo e esperamos contar com a solidariedade dos eleitores, que aprovam o que fizemos, apóiam nossa luta diária pela eliminação da fome, pela erradicação da pobreza e redução das desigualdades sociais e regionais, pelo crescimento com distribuição de renda. Todas as nossas iniciativas sempre se pautaram pela necessidade de crescer para gerar riquezas para todos e pela necessidade de retirar milhões de brasileiros da situação de carência e abandono. Estimulamos empresas brasileiras a fazer suas encomendas dentro do Brasil. As encomendas da Petrobras, por exemplo, foram fundamentais para reativar a indústria naval, que estava morrendo à míngua. Hoje, já emprega 46 mil trabalhadores e deve contratar mais 20 mil a curto prazo. Investimos na



retomada da indústria da construção civil. Mas como? Criando o programa Minha Casa, Minha Vida, para permitir a milhões de brasileiros de baixa renda realizar o sonho da casa própria. Quando investimos nos programas sociais, não é dinheiro mal aplicado, como alguns dos nossos adversários pensam. Pelo contrário, além de abrir as portas para a cidadania da parcela mais carente da população, ainda estimulamos a economia: os beneficiários do Bolsa Família, por exemplo, não guardam dinheiro, não aplicam na bolsa. Eles compram imediatamente, movimentando o pequeno comércio, que demanda o grande, que encomenda do setor industrial e do agropecuário. Fortalecendo o mercado interno, todos saem ganhando. Espero que quem vier a me suceder tenha todas as condições (capacidade, história, comprometimento) de levar adiante esse bastão da esperança.

(\$31DHKL)